

DIÁLOGOS POSSÍVEIS: MASCULINIDADES SUBVERTIDAS EM CAIO FERNANDO ABREU E MIA COUTO

Adriane Figueira Batista – adriane.figueira@hotmail.com

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-2473-4634>

RESUMO: A literatura desenha, sobre muitas linhas, traços das masculinidades que subvertem o lugar comum e abrem diálogos entre vozes dissonantes. Este trabalho pretende refletir e apresentar algumas possibilidades alegóricas trazidas por dois distintos escritores de países e contextos diferentes: Caio Fernando Abreu (Brasil) e Mia Couto (Moçambique). Pergunta-se como um homem se constrói enquanto sujeito e como é pensado dentro dos processos de alteridade? Traçando novos caminhos que sejam capazes de refazer e desfazer metáforas a fim de suplantar as questões levantadas por este estudo que busca, na força simbólica de cada um dos textos, ressignificar as alteridades, as masculinidades em trânsito e lançar um novo olhar em direção aos sujeitos "masculinos" e suas particularidades. Serão vislumbrados aqui conceitos sobre gênero, papéis atribuídos e atribuíveis aos homens no espaço das narrativas, a ausência (também presença) do feminino que suscita uma busca pela 'feminilidade' adormecida como uma maneira de equilibrar o humano em face do *outro*: o desconhecido. Os arquétipos utilizados serão extraídos de contos das obras *Cada homem é uma raça* (2013) de Mia Couto e *Morangos mofados* (2009) de Caio Fernando Abreu.

PALAVRAS-CHAVE: Caio Fernando Abreu; Mia Couto; Masculinidades; Alteridade.

1 RECORTES

Os debates acalorados acerca das questões de gênero tem gerado um novo ânimo e enriquecido as possibilidades estéticas para análises literárias. Os pressupostos, aqui, partem de polaridades cristalizadas pelo senso comum, porém com desdobramentos que extrapolam estas dicotomias. Os textos recolhidos para as análises se estruturam a partir do afastamento e da aproximação entre os universos extensos que (re)conhecemos como feminino e masculino.

Os escritores escolhidos para o recorte (Caio Fernando Abreu, no contexto brasileiro, a partir de um conto publicado no início dos anos de 1980 e Mia Couto, no contexto moçambicano, a partir de uma obra específica lançada em 1990) são vozes extremas, temporalmente, espacialmente e literariamente distantes, porém unidos por uma língua comum – o português – e possuem textos e debates que os aproximam.

No caso deste artigo é a preocupação com os estereótipos e arquétipos do que empiricamente conhecemos como "masculinidades", termo pluralizado que sustentará as colocações que irão se estabelecer para o exame dos contextos e das contribuições nos âmbitos literário e teórico.

Os três contos (“O embondeiro que sonhava pássaros”, “O pescador cego” e “Mulher de mim”) da obra *Cada homem é uma raça* (2013 – ano da edição utilizada nesta pesquisa) de Mia Couto que serão brevemente analisados, desenham um trajeto possível para a leitura aqui proposta. Em relação a Caio Fernando Abreu, escolhi apenas um conto da obra *Morangos Mofados* (2009 – ano da edição utilizada nesta pesquisa), intitulado “Sargento Garcia”, que reúne em seu enredo três arquétipos masculinos que dialogam com as três personagens centrais dos contos selecionados de Couto para compor esta reflexão.

Nos depararemos com sujeitos marginalizados; tanto do ponto de vista individual, quanto do ponto de vista coletivo; dentro de espaços distintos em que papéis sociais “masculinos” e devires eróticos serão confrontados.

Mia Couto é um escritor que se desenvolveu em um espaço lusófono de dominação colonial portuguesa, apesar de moçambicano, é filho de emigrantes portugueses e dentro deste espaço obteve uma educação privilegiada. Imerso em um caldeirão cultural e linguístico, Couto transita por essas dinâmicas constituindo seu próprio e plural universo de histórias e estórias. Então, quando houver necessidade, serão esclarecidos alguns pontos entre visões de masculinidades e papéis desempenhados pelos homens no espaço moçambicano colonial e pós-colonial e de como estes aspectos históricos e sociais são inseridos nas vivências das personagens que serão conhecidas no decorrer deste trabalho.

A obra de Caio Fernando Abreu – escritor e jornalista brasileiro que publicou entre os anos de 1970 e 1996 (ano de sua precoce morte) – é resgatada neste artigo por trazer reflexões e possibilidades de leitura do universo masculino e das masculinidades, quando cria alegorias e põe no centro dos debates criaturas híbridas, humanos confusos e solitários que desenrolam uma cadeia de significados e expandem os olhares em relação às distinções e aproximações dos lugares e espaços que corpos ocupam, sejam estes masculinos, femininos ou ainda criaturas outras. Vale ressaltar a orientação sexual (Caio F. era homossexual assumido e lutava por igualdade) do autor que abordou de diversas formas nos seus textos a sua sexualidade, assim como outras sexualidades. Subvertendo o lugar comum conferido ao masculino e as masculinidades.

2 “A PESSOA É UMA HUMANIDADE INDIVIDUAL”

Início esta seção com a epígrafe inicial de *Cada homem é uma raça* (2013). No tocante às questões de gênero, Mia Couto, nos textos selecionados, nos apresenta inúmeras possibilidades, traça distintos perfis sociais e comportamentais. As personagens masculinas muitas vezes aparecem

como simulacros estereotipados ou metáforas que transitam por dois universos distintos e correlatos: masculino e feminino, dentro de múltiplas combinações, ora aproximadas, ora afastadas.

Os princípios de alteridade estão pautados pelas noções de limite que um sujeito exerce em um determinado espaço e tempo. Quando se diz que a pessoa é uma humanidade individual, parte-se da máxima que é possível desdobrar-se em inúmeras vivências e sensações – ser *outro*, na busca pela própria identidade(s). Como nos esclarece Sofia Aboim (2008) em seu estudo antropológico sobre homens moçambicanos:

[...] inquirir sobre a(s) masculinidade(s) de homens moçambicanos implica, pelo menos, duas ideias. Por um lado, recusar uma visão eurocêntrica ou ocidentalista das relações e das identidades de gênero, normalmente resultante na dicotomização do tradicional e do moderno, a favor de uma conceptualização da pluralidade; por outro, estar ciente de que advogar a pluralidade conduz habitualmente ao entrecruzamento de diferentes lógicas (global e local, pré-colonial, colonial e pós-colonial) e deve, por isso, envolver reflexões sobre a modernidade e a sua complexidade histórica (ABOIM, 2008, p. 273–274).

No entrecruzamento dessas dinâmicas que cá se aproximam, estou a tentar resgatar do ponto de vista geral, algo que seja capaz de estabelecer um parâmetro subjetivo que caminhe em direção a outros sistemas identitários (comunitários), a questões que extrapolem o individual e que abram espaço para demandas coletivas. Apesar do desconhecido nos causar desconforto e até certo ponto receio, é pelos laços estreitados entre as pessoas e o respeito mútuo que engendramos alteridades, ou ainda pela autocontemplação. As trocas estabelecidas são necessárias para o desenvolvimento humano e suplemento estético para escritores.

Discutir masculinidades é entender os debates sobre gêneros e alteridades num âmbito maior, mais específico, a partir das contribuições de Judith Butler e de outros teóricos que problematizam estas questões. Os estudiosos divergem na hora de esclarecer conceitos e utilizam o termo no plural para tentar dar conta das metamorfoses que estas considerações sofrem de acordo com a sociedade e o lugar de cultura, de fala e dos espaços em que são discutidos. Robert Connell possui extensos trabalhos acerca destas definições, o cientista social foge a binarismos e ações categorizantes.

Se a "masculinidade" significasse simplesmente as características dos homens, não poderíamos falar da feminilidade nos homens ou na masculinidade nas mulheres (exceto como desvio) e deixaríamos de compreender a dinâmica do gênero. O gênero é sempre uma estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias (CONNELL, 1995, p. 189).

Os três contos escolhidos para traçar aproximações e estabelecer ligações compõem a obra referida no título da seção acima, são eles: “O embondeiro que sonhava pássaros”, “O pescador

cego” e “Mulher de mim”. Três narrativas que borram – e muito, o que Connell chama de “imutáveis categorias”.

Em “O embondeiro que sonhava pássaros”, a estória narrada é a de um homem negro que todas as manhãs se dirige ao bairro dos brancos para desfilar com seus pássaros exóticos e multicoloridos – gerados a partir do embondeiro, morada do passarinho. Esta personagem é apresentada como uma pessoa simples, da terra, identificada pelos brancos como um mendigo, um negro que desconhece “seu lugar”, alguém a quem se deve temer, mas que as crianças do vilarejo português ficavam encantadas ao vê-lo passar diariamente com suas gaiolas repletas de vida e de cores.

Tiago é a criança destacada para fazer a ponte entre a estória do negro moçambicano, que é um estranho em sua própria terra, e os colonizadores portugueses que o desprezam, ao mesmo tempo em que o temem por não compreenderem o *outro* e suas diferenças.

Esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol. Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinho (COUTO, 2013, p. 63).

O nosso passarinho é no conto a metáfora do povo moçambicano durante os anos de colonização e massacre português, o ser invisível e abjeto. Não obstante é visto como perigoso e selvagem. Motivo de contentamento para as crianças e motivo de preocupação e ódio para os adultos brancos – colonizadores.

Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos — aquele preto quem era? Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar. Contudo, os pássaros tão encantantes que são — insistiam os meninos. Os pais se agravavam: estava dito (COUTO, 2013, p. 64).

Neste conto, o homem moçambicano aparece como uma alegoria da condição colonial, precária e atroz em que o humano é tratado como animal, como estrangeiro em sua própria terra. Tiago é a criança que no conto estabelece o vínculo de afeto com o passarinho. Simboliza a inocência e o poder dos sonhos, o menino que persegue o passarinho, o ouve e aprende sobre questões que ultrapassam o entendimento raso dos adultos obcecados pela supremacia e pseudocivilidade, cegos por seus preconceitos: “Mais que todos, um menino desobedecia, dedicando-se ao misterioso passarinho. Era Tiago, criança sonhadeira, sem outra habilidade senão perseguir fantasias. Despertava cedo, colava-se aos vidros, aguardando a chegada do

vendedor” (COUTO, 2013, p. 64). O passarinho é a figura masculina que aqui representa a primeira etapa do percurso estabelecido na introdução deste trabalho.

O sujeito masculino que é apagado por meio da exploração, da negação de sua humanidade, da falta – usurpada – de dignidade perante o *outro* (colonizador). O deslocamento entre o poder que exerce dentro de sua comunidade e a anulação deste poder perante a comunidade do explorador.

Os papéis masculinos que emergem do conto nos dão a dimensão do princípio de alteridade que é negado ao protagonista, quando rebaixado à categoria inumana, de bicho silvestre, no qual o único meio de remediar sua presença seria exterminando-a. Um negro calado dentro de sua própria "casa", um homem impossibilitado de ser homem, de ser gente, de ser a voz da sua terra. Um homem que ocupa o não-lugar de humano desumanizado pelo seu semelhante.

O passarinho e a criança instituem um vínculo que só é possível de viver em estado de fantasia e sonho, ao final do conto, ambos se tornam uma coisa só, raízes que fincam a terra, misturam cores, chamas dentro do embondeiro – espaço dessa metamorfose, quando o homem e o menino já não podem ser diferenciados, nem pelas cores da pele, nem por características matéricas e físicas.

O segundo conto, intitulado “O pescador cego”, narra a estória de Maneca Mazembe, um pescador que decidiu deitar fora seus olhos, depois de ficar dias ao mar, à deriva, passando frio e fome. Quando regressou ao lar percebeu que sua esposa Salima havia tomado às rédeas da casa no lugar do marido, mas ele como "machão" não permitia, preferia passar fome ao ter que ficar subjugado aos desígnios de sua mulher.

[...] Porque o pescador se entregara a uma única guerra: afastar os cuidados de Salima, sua dedicada esposa. Aceitar o seu amparo era, para Mazembe, a mais dolorosa rebaixeza. Salima lhe oferecia uma ternura, ele recusava. Ela chamava-lhe, ele respondia um resmungo (COUTO, 2013, p. 100).

A personagem masculina protagonista desta estória abarca os estereótipos patriarcais e coloniais comuns do homem que não “precisa” da mulher, se sente superior, a subestima e quer dominá-la e domá-la a qualquer custo. Mazembe é a típica figura de macho dominador que mesmo inválido para as tarefas de chefe da família, não permite que sua esposa exerça o mesmo papel que fora exercido por ele anteriormente.

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalisão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia, que

permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor (BUTLER, 2003, p. 37).

Para Judith Butler (2003) é preciso que se desfaça o binarismo de gênero e que os papéis sociais sejam ressignificados e as pessoas sejam tratadas, dentro das suas diferenças, com dignidade e respeitando os desejos e lugares dos corpos alheios. O machismo arraigado do segundo conto, objeto de análise, se torna mais evidente quando o pescador decide se isolar em uma pequena embarcação às margens do mar, à espera de uma absolvição para a sua condição, para a escuridão, que, para além da metáfora sobre sua cegueira, o toma.

Num certo dia, Salima vai até onde o marido estava e começa a dizer que havia muito tempo que o pescador *não batia as porradas*, discurso que soa estranho, pois carrega uma aura de desigualdade e brutalidade: como era possível sentir saudade de tal violência?

Até uma manhã incerta. Salima se aproximou do barco, ficou contemplando o marido. Ele estava em apurado desleixo, com cara de muitas barbas. A mulher sentou-se, ajeitou nos braços uma panela com arroz. Falou:

— *Maneca, você há muito tempo não me bate as porradas.*

Quem sabe, adiantou ela, se aquele azedo dele seria devido da abstinência. Talvez ele precisasse sentir as lágrimas dela, exclusivo proprietário das suas sofrências.

— *Mazembe, você pode bater. Eu ajudo: fico quietinha, sem desviar para nenhum lado* (COUTO, 2013, p. 102).

A esposa de Mazembe apresenta no conto o arquétipo da mulher que se submete aos "desígnios do sexo frágil", as leis do patriarcado, aos desejos e vontades dos homens e se reduz a condição de coisa, de objeto manipulável, quando se oferece em sacrifício para que o marido se sinta melhor e volte a seu estado "normal", porém o homem já não sente necessidade de tal violência, já não quer mais impor sua força bruta e o único pedido que deixa escapar à esposa é que ela lhe trouxesse fogo... Após isto o pescador cego ateou fogo na sua pequena embarcação e lá ficou. Desde aquele momento aceitou a solidão.

Por fim, o pescador entra em estado de fantasia que pode ser uma espécie de morte, no qual essa personagem passa a viver em busca dos olhos arrancados, da luz e nesse delírio se depara com uma figura feminina que, no primeiro momento pensa ser da mulher Salima, possivelmente uma metáfora para a terra (ou o mar), uma figura que ele sente como protetora, algo capaz de ser conjugado. E a ela faz um pedido: que jamais diga palavra, que seja toda silêncio. Assim o pescador atinge uma espécie de redenção, persiste em sua busca todos os dias caminhando pelas ondas à procura da completude.

O último conto de Mia Couto a ser vislumbrado é "Mulher de mim", que aqui ocupa o lugar central devido ao poder estético em que esta narrativa é construída. Este conto narra a estória

de um homem não identificado no tempo e no espaço, um homem solitário e que se aceita incompleto.

Numa noite qualquer recebe por acaso a visita de uma mulher desconhecida que chega até ele por meio de um sonho real, de uma presença material e metafísica, como um espelho a refletir o interno dele mesmo: "[...] Ela se deitou, imitando a terra em estado de gestação. Seu corpo se me entreabria. Mais fôssemos, no seguinte, e chegaríamos a vias do facto. Mas, nos avanços, me tremurei. Vozes ocultas me seguravam: não, eu não podia ceder." (COUTO, 2013, p. 128)

Os destinos das duas personagens se entrecruzam causando um efeito estético de união entre o masculino e o feminino. Essas duas potências que se escondem em menor ou maior grau dentro de cada um de nós, a ausência de imposição de poder, a necessidade de comunhão. O homem e a mulher que estão em atraso com o seu *outro*, para além do reflexo, para além de uma compreensão clara de todas as coisas. A questão dos gêneros e suas representações em masculino e feminino se abrem às da alteridade internamente. Esta alteridade é concebida na perspectiva do próprio sujeito que conta esta estória e não na perspectiva da figura feminina.

Espreitei pela janela, vi a mulher chegando. Veio-me ao pensamento a suspeita, certa, que ela não era mais que um desses seres vindouros, enviado para me retirar do reino dos viventes. Sua tentação era essa: levar-me ao exílio do mundo, emigrar-me para outra existência. Em troca eu lhe daria a carícia, em matéria de corpo, isso que apenas os viventes logram possuir. (COUTO, 2013, p. 131)

Em “Mulher de mim” é um homem que sente a necessidade de buscar seu par feminino, numa casa que — “afinal, não me dava nenhum acolhimento” (COUTO, 2013, p. 131), não somente no sentido sexual ou afetivo, mas no sentido humano, social. Uma personagem em falta consigo própria, em atraso com sua “completude”, em busca de um novo lugar capaz de conjugar outras existencialidades, expandir o olhar.

[...] Sem eu ser ela, eu me incompletava, feito só na arrogância das metades. Nela eu encontrava não mulher que fosse minha mas a mulher de mim, essa que, em diante, me acenderia em cada lua.
– Me deixa nascer em ti.
Fechei os olhos, em vagaroso apagar de mim. E assim deitado, todo eu, escutei meus passos que se afastavam. Não seguiam em solitária marcha mas junto de outros de feminino deslize, fossem horas que, nessa noite, me percorreram como insones ponteiros (COUTO, 2013, p. 133).

No trecho final do conto podemos notar, a partir das colocações do narrador, também personagem central, que ele se distancia daquela figura em “metades” que inicia a estória. O homem que em sonho é visitado por uma mulher, porém esta não deseja ser dele, mas ser ele, fazer parte desse todo complexo e diverso onde se chocam interesses, rompem estruturas e reivindicam outros

lugares, na busca por novos caminhos os quais o feminino direciona. Um todo heterogêneo, potência humana que conjuga papéis internos e externos e caminhe por entre possibilidades, devires que atravessem a subjetividade/sexualidade e se insiram no desconhecido, no outro que chega para tomar e tornar as metades inteiras.

3 MORANGOS MOFADOS

Na narrativa “Sargento Garcia”, conto que pertence à obra que dá nome a esta seção, o debate se centra em três personagens (entre eles Hermes que é personagem central e também narrador) que tem suas histórias entrecruzadas por cenas cotidianas, modificam seus caminhos e conduzem o leitor ao horror e mistério da narrativa contada. Em relação ao horror me refiro a como as ações se desenrolam, em clima de violência e submissão, como veremos nas próximas linhas.

— Hermes. — O rebenque estalou contra a madeira gasta da mesa. Ele repetiu mais alto, quase gritando, quase com raiva: — Eu chamei Hermes. Quem é essa lorpa?

Avancei do fundo da sala.

— Sou eu.

— Sou eu, meu sargento. Repita (ABREU, 2009, p. 79).

Os detalhes escatológicos e diálogos em linguagem “banal”, bem ao modo de Caio Fernando Abreu, nos aproximam deste cenário que se desenha em “Sargento Garcia”, cenário de selvageria e horror, no contexto de uma ditadura militar. A obra *Morangos Mofados* foi originalmente publicada em 1982 e traz como pano de fundo, em muitas de suas histórias, a ditadura militar brasileira (1964–1985). Os morangos simbolizam, aqui, os ciclos, entre o mofo, o verde e o maduro, contrastando e somando às reflexões sobre estas personagens em metamorfoses.

As masculinidades trazidas por esse narrador capturam um ciclo, um tempo de descobertas que engendra uma cadeia de acontecimentos que acompanham a personagem principal que se vê liberta, ao mesmo tempo sente-se estranha e percebe-se incompleta como todo ser que se permite viver desejos “proibidos” ou não aceitos pelo padrão social imposto: patriarcal, misógeno e heteronormativo.

Sobre Hermes, quando em pensamento, ficamos sabendo quê:

[...] tenho dezessete anos, quase dezoito, gosto de desenhar, meu quarto tem um Anjo da Guarda com a moldura quebrada, a janela dá para um jasmineiro, no verão eu fico tonto, meu sargento, me dá assim como um nojo doce, a noite inteira, todas as noites, todo o verão, vezenquando saio nu na janela com uma coisa que não entendo direito acontecendo pelas minhas veias, depois abro *As mil e uma noites* e tento ler, meu sargento, *sois um bom dervixe, habituado a uma vida*

tranquila distante dos cuidados do mundo, na manhã seguinte minha mãe diz sempre que tenho olheiras, e bate na porta quando vou ao banheiro e repete repete que aquele disco da Nara Leão é muito chato, que eu devia parar de desenhar tanto, porque já tenho dezessete anos, quase dezoito, e nenhuma vergonha na cara, meu sargento, nenhum amigo, só esta tontura seca de estar começando a viver, um monte de coisas que eu não entendo, todas as manhas, meu sargento, para todo o sempre, amém (ABREU, 2009, p. 83).

Neste conto vivemos um dia na vida de Hermes, jovem de 17 anos que se encontra exposto dentro de um quartel general em meio a outros tantos jovens obrigados a se alistar para servir a força militar nacional. No momento em que o Sargento, responsável pela “entrevista”, começa a questionar Hermes, em tom de deboche e ironia, este se vê encabulado e nervoso, pois está nu em frente a uma porção de estranhos com olhos curiosos e que acabam por rir dele.

O jovem é um rapaz cheio de sonhos que pensa em cursar filosofia, cita trechos de livros e ideias de grandes pensadores, se sobressai aos olhos do Sargento perante os outros meninos — tão comuns, tão “másculos”.

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2003, p. 250)

Quando Hermes é dispensado por não cumprir os requisitos (inteligente e sensível demais, ignorante e bruto de menos), pois tem saúde frágil e pés chatos, como pontua o Sargento, sai a caminho de casa. Em determinado momento é interceptado por um motorista que para o carro a seu lado e o convida para uma carona. É o Sargento Garcia que se prepara para “seduzir” mais um dos rapazes meticulosamente selecionados por ele.

A partir da própria fala do Sargento nos é dado a conhecer os seguintes fatos sobre sua vida:

Passo o dia inteiro naquele quartel, com aquela bagualada mais grossa que dedo destroncado. E com eles a gente tem é que tratar assim mesmo, no braço, trazer ali no cabresto, de rédea curta, senão te montam pelo cangote e a vida vira um inferno. Não tenho tempo pra perder pensando nessas coisas aí de universo. Mas acho bacana. [...] — Minha filosofia de vida é simples: pisa nos outros antes que te pisem. Não tem essas mônicas daí. Mas tu tem muita estrada pela frente, guri. Sabe que idade eu tenho? — Examinou meu rosto. Eu não disse nada. — Pois tenho trinta e três. Do teu tamanho andava por aí meio desnorreado, matando contrabandista na fronteira. O quartel é que me pôs nos eixos, senão tinha virado bandido. A vida me ensinou a ser um cara aberto, admito tudo. Só não aguento comunista. Mas graças a Deus a revolução já deu um jeito nesse putedo todo. Aprendi a me virar, seu filósofo. A me defender no braço e no grito (ABREU, 2009, p. 87).

O jovem aceita a carona, no caminho, após algumas investidas, o Sargento lhe faz um convite tentador, ele quer levar o rapaz a um lugar mais reservado. Dezesete anos, virgem e os hormônios pulsando dentro das calças. Hermes aceita o convite e ambos seguem para um lugar afastado, parecido com um motel, administrado por Isadora – uma mulher misteriosa.

— Isadora, queridinho. Nunca ouviu falar? Isadora Duncan, a bailarina. Uma mulher finíssima, maravilhosa, a minha ídola, eu adoro tanto que adotei o nome. Já pensou se eu usasse o Valdemir que minha mãezinha me deu? Coitadinha, tão bem-intencionada. Mas o nome, aí, o nome. Coisa mais cafona. Aí mudei. Se Deus quiser, um dia ainda vou morrer estrangulada pela minha própria echarpe. Tem coisa mais chique?
[...] Ninguém esquece uma mulher como Isadora (ABREU, 2009, p. 90).

Esta mulher representa um ser híbrido, Valdemir nasceu e Isadora se tornou, escolheu ser. A personagem estabelece um elo com Hermes por meio de suas falas sempre dúbias e cheias de malícia. É ela também que dá frescor aquele ambiente hostil e mal iluminado. Ela é uma espécie de guardiã de prazeres por descobrir, o que a torna marcante na vida daquele jovem, um encontro que divide sua vida em antes e depois de Isadora.

Neste espaço simples, de cores rubras e lençóis gastos, Hermes é apressadamente e indelicadamente iniciado na vida sexual. O modo grosseiro e violento, quase nojento como o narrador nos adverte por meio dos detalhes que apresenta: suores escorrendo pelos pêlos, salivas percorrendo orifícios, fluídos inundado costas e barriga, sem tato, sem carinho, apenas corpos que se chocam, carnes que tremuram: uma por puro prazer e satisfação em dominar, outra que mal sabe como agir e se questiona a todo instante.

Este cenário montado faz com que o rapaz saia correndo depois do ato, atordoado e cheio de pensamentos desconexos que o devolvem para a crise juvenil em relação aos desejos, as preferências e as feras que acaba por aticar. Porém o devolvem ao espaço da rua, do desconhecido e neste espaço, com calma, Hermes desperta para o mundo e sabe que a partir daquele momento nada poderá ser desfeito.

Quando ele estendeu a mão para o rolo de papel higiênico, consegui deslizar o corpo pela beirada da cama, e de repente estava no meio do quarto enfiando a roupa, abrindo a porta, olhando para trás [...] afundei no túnel escuro do corredor, a sala deserta com suas flores podres, a voz de Isadora ainda mais remota [...] o portão azul, alguém gritando alguma coisa, mas longe, tão longe como se eu estivesse na janela de um trem em movimento, tentando apanhar um farrapo de voz na plataforma da estação cada vez mais recuada, sem conseguir juntar os sons em palavras, como uma língua estrangeira, como uma língua molhada nervosa entrando rápida pelo mais secreto de mim para acordar alguma coisa que não devia acordar nunca, que não devia abrir os olhos nem sentir cheiros nem gostos nem tatos, uma coisa que deveria permanecer para sempre surda cega muda naquele mais de dentro de mim, como os reflexos escondidos, que nenhum

ofuscamento se fizesse outra vez, porque devia ficar enjaulada amordaçada ali no fundo pantanoso de mim, feito bicho numa jaula fedida, entre grades e ferrugens quieta domada fera esquecida da própria ferocidade, para sempre e sempre assim.

Embora eu soubesse que, uma vez desperta, não voltaria a dormir (ABREU, 2009, p. 92–93).

4 MASCULINIDADES EM TRÂNSITO

Mia Couto, nos contos selecionados da obra *Cada homem é uma raça* (2013), apresenta dimensões masculinas no espaço moçambicano que podem ser estendidas, de modo geral, às representações do homem nos espaços de poder, nos papéis desempenhados e atribuídos aos corpos políticos, na hegemônica dominação ocidental masculina. As três personagens sucintamente descritas ao longo deste trabalho demonstram o quão instável é a condição do ser humano.

[...] nas masculinidades contemporâneas, entendidas enquanto configurações de práticas, encontram-se justapostas diversas ordens de gênero correspondentes a diferentes períodos e processos históricos. Por isso, a dicotomização analítica entre tradicional e moderno constitui uma ferramenta particularmente pobre para a interpretação das relações sociais de gênero no contexto contemporâneo (ABOIM, 2008, p. 293).

Como estes homens não são inseridos num tempo e num espaço determinados, os vemos com um olhar contemporâneo. Os perfis traçados por meio das três personagens das histórias buscam suscitar reflexões acerca das mobilidades masculinas e o abismo que ainda separa a humanidade em antagonismos de gênero. Estes percursos servem para delimitar alguns parâmetros de leituras e ao entendimento do processo de dominação cultural e reprodução de comportamentos comuns e preconcebidos entre os gêneros e a falácia que é gerada pela falta de compreensão.

Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos.

Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2003, p. 257).

O conto “Mulher de mim” se torna central por congregar essas forças naturais desenhadas pelo masculino e o feminino nas diversas plataformas de debate, nos discursos de inclusão, não entendido apenas como completude. A comunhão no sentido de engendrar alteridades de um ser masculino que se reconhece no *outro*, que aceita esta “unidade”, que necessita dela.

Os outros textos de Mia Couto serviram para legitimar os percursos, funcionaram como uma espécie de preparação para o último, pois da falta se construiu a ponte, um caminho possível para a travessia, dessa ainda longa e árdua passagem, que é a da celebração e igualdade: humanizar

o humano em toda sua vastidão sem essa disputa vazia e brutal atribuída aos espaços de atuação entre mulheres e homens. Entendendo que é o discurso, a performance/desempenho social, sexual e político que deve ser considerado, como frisa Judith Butler (2003).

As alegorias destacadas nos três contos de Mia Couto como arquétipos são respectivamente: os pássaros, o mar e o sonho. Três unidades metafóricas que compreendem os percursos das personagens. A força simbólica de cada um destes três termos ressignifica as alteridades, as masculinidades em trânsito e lançam um novo olhar em direção ao sujeito e suas novidades. Compreender as diferenças e respeitar os espaços ocupados e por ocupar, na consciência que se pretende atingir por meio de reflexões e leituras que conjuguem direitos, lugares e, acima de tudo, o ser humano em toda sua amplitude — um despertar.

No conto selecionado de Caio Fernando Abreu, as três personagens que transitam pela narrativa, se esboçam e se consolidam a partir de estereótipos e de arquétipos comuns: o adolescente Hermes que está na fase das descobertas e dos desejos incontroláveis, o Sargento Garcia que exerce o seu poder por meio de jogos eróticos e violentos, e Isadora, o “homem-mulher”, criatura híbrida que se prostra como a guardiã do templo dos prazeres, alguém que abre as cortinas e as janelas para o desconhecido. Como o narrador nos lembra em vários momentos, não é possível ficar indiferente à presença de Isadora, é ela quem conduz o leitor e as personagens aos cenários de desejos e descobertas, alargando o nosso olhar para as alteridades e para todas as possibilidades.

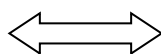
Parece relevante pontuar que Hermes, personagem e narrador do conto de Abreu, não recebe esta denominação à toa, seu nome é uma alegoria. Na mitologia greco-romana, a figura de Hermes, como de todos os outros deuses, nos remete a instintos humanos. O deus mitológico, complexo por natureza, nos direciona a um lugar incerto. Ele é o mensageiro dos deuses, um ser que se misturava aos homens, encarregado pela harmonia, evolução e mudança, criatura hermafrodita responsável pela “união dos contrários”: “[...] Hermes o mensageiro dos deuses e o guia dos seres na sua transmutação...” (BRANDÃO, 1987, p. 206)

Caio Fernando Abreu era meticuloso na hora de nomear seus personagens, o Hermes de “Sargento Garcia” é a ponte que conecta o sujeito com sua alteridade(s) — personagem ambivalente e desviante — e quem é o responsável pelo seu despertar é Isadora, ser duplamente desviante: “Hermes, repeti, o mensageiro dos deuses, ladrão e andrógino.” (ABREU, 2009, p. 93).

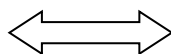
Na chave de leitura aqui proposta o jovem Hermes representa o trânsito, a masculinidade móvel, aquela que não pode ser apagada ou forjada, pois ultrapassa as tênues linhas que cercam a dita “normalidade”, bem como o homem sonhador do conto “Mulher de mim” de Mia Couto.

Os contos dos dois autores passeiam por esses caminhos de possibilidades e convergem masculinidades: o homem que se apaga diante e por causa do seu algoz; o outro que enlouquece e se isola, pois só consegue olhar para dentro; há aquele que aceita a comunhão com o desconhecido; o adolescente que tem sua sexualidade afluída num dia de sua entrevista para o serviço militar; o Sargento que impõe por meio da força bruta sua vontade. E há Isadora, o ser que mistura o feminino e o masculino, bem como as duas figuras femininas dos contos de Couto que surgem em sonho e presença, há também Salima, a esposa que se deixa conduzir.

Mas o que essas personagens têm em comum? Ou que ligação pode ser estreitada a partir das quatro narrativas revistas neste ensaio? Elaborei um esquema para que possamos visualizar de maneira mais nítida as características, aproximações e afastamentos das personagens e suas masculinidades subvertidas e em trânsito.



<p>Passarinheiro (homem que persegue crenças; vive dentro de um embondeiro e engendra seres fantásticos; morre para ser raiz e semear na terra seus ensinamentos e coragem. Homem, criança e árvore fundidos em única raiz, um ser híbrido – <i>masculinidade subvertida</i>).</p>	<p>Isadora (criatura híbrida – mulher que nasceu homem – dona de seu destino e de suas ações; irradia luz e planta questionamentos aos jovens confusos que cruzam seu caminho – <i>masculinidade subvertida</i>).</p>
<p>Pescador (homem bruto que impõe a força física para obter respeito e causar medo, porém se transforma no decorrer do conto. Ainda que o pescador contemple mudanças, ele tem o perfil atribuído à masculinidade hegemônica).</p>	<p>Sargento (arquétipo masculino de força e virilidade; militar brutalizado e intimidador; causa repulsa e medo, ao mesmo tempo, curiosidade com sua conversa fácil. Segue sem alteração dentro da narrativa – <i>masculinidade hegemônica</i>).</p>
<p>Homem sonhador (feito de metades; aceita e deseja metamorfoses, desperta o feminino que se convida para ficar – <i>masculinidade em trânsito</i>).</p>	<p>Hermes (jovem sonhador e curioso em busca de experiências que o despertem para algo maior, em trânsito dentro e fora dos limites da narrativa).</p>



Cada personagem se ergue no rastro deixado pelas subjetividades que acenam e se transformam. Cada um destes homens — e mulheres —, que narram ou têm suas histórias narradas nos apresentam, de modo particular e peculiar, traços identitários que culminam em alteridades e alargam vozes. Com exceção de “O embondeiro que sonhava pássaros”, todas as outras estórias são intermediadas por personagens femininas que intercalam os acontecimentos e despertam os homens — do seu lugar privilegiado — para o que há de obscuro, raro, imprescindível.

Como sugere Robert Connell (1995, p. 205), o que é necessário para prosseguirmos é uma política de gênero efetiva que não condicione ou direcione os homens por vias de força bruta,

violência. Que não se limite também a discutir somente características de homens ditos “sensíveis”, mas que problematize a heterossexualidade e outras dissidências sexuais. Expandindo o pensamento e imprimindo um novo olhar em direção as questões de gênero, destituindo tronos (hétero) normativos, inserindo nos debates outras identidades que não se fechem numa chave de compreensão binária, mas como um devir que extrapole o subjetivo e se derrame pela coletividade, alargando os lugares e espaços dentro dos domínios sociais, políticos e sexuais.

5 REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. “Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo”. In **Análise Social** XLIII (2). Lisboa, 2008, pp. 273–295.

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, volume II. Petrópolis: Vozes, 1987.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Robert. “Políticas da masculinidade”. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. In **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, julho-dezembro/1995, p. 185–206.

CONNELL, Robert, MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. Tradução Felipe Bruno Martins Fernandes. In **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, janeiro-abril/2013, p. 241–282.

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Title

Possible dialogues: Masculinities subverted in Caio Fernando Abreu and Mia Couto.

Abstract

The literature draws, on many lines, traces of the masculinities that subvert the common place and open dialogues between dissonant voices. This work intends to reflect and present some allegorical possibilities brought by two distinguished writers from different countries and contexts: Caio Fernando Abreu (Brazil) and Mia Couto (Mozambique). Ask yourself how a man builds himself as a subject and how he is thought into the processes of alterity? Tracing new paths that are able to redo and undo metaphors in order to supplant the questions raised by this study that seeks, in the symbolic strength of each of the texts, to resignify the alterations, the masculinities in transit and to launch a new look towards the "masculines" subjects and their particularities. There will be glimpses here concepts about gender, attributed roles and attributable to men in the space of narratives, the absence (also presence) of the feminine that raises a search for 'femininity' asleep as a way of balancing the human in the face of another: the unknown. The archetypes used will be extracted from tales of works *Cada homem é uma raça* (2013) of Mia Couto and *Morangos mofados* (2009) of Caio Fernando Abreu.

Keywords

Caio Fernando Abreu; Mia Couto; Masculinities; Otherness.

Recebido em: 26/10/2018.

Aceito em: 16/11/2018.